

Thomas Mann e sua mudança de perspectiva durante as guerras mundiais

Thomas Mann and his change of perspective during the world wars

Wander Luiz Demartini Nunes*

Resumo

Este artigo trata da contextualização das ideias de Thomas Mann antes e durante as guerras mundiais, quando apresentou-se uma transformação de seu posicionamento político, o qual dizia a princípio ser apolítico. Além disso, uma questão central a ser observada foi o conflito com seu irmão, Heinrich Mann, que condenou o militarismo e a posição alemã durante a Primeira Guerra Mundial. O pacifismo de Heinrich Mann o fez um dos grandes defensores da República de Weimar, enquanto seu irmão vivia a transição de seu posicionamento justamente naquela época. Tal mudança permitiu que Thomas Mann se tornasse um dos grandes intelectuais opositores ao partido de Hitler.

Palavras-chave: Thomas Mann; Alemanha; Guerras Mundiais.

Abstract

This article deals with the contextualization of Thomas Mann's ideas before and during the World Wars, when a transformation of his political position into a so-called apolitical stance took place. In addition, a central issue to be noted is the conflict with his brother, Heinrich Mann, who took a different position while condemning militarism and Germany's positions during World War I. Heinrich Mann's pacifism made him one of the greatest defenders of the Weimar Republic, while his brother was still changing his position by the same time. Such a change allowed Thomas Mann to become one of the greatest intellectual opponents of Hitler's party.

Keywords: Thomas Mann; Germany; World Wars.

* E-mail: wander.demartini@gmail.com

Introdução

Thomas Mann foi um dos maiores escritores alemães do século XX. Nascido em Lübeck no ano de 1875, proveniente de uma família tipicamente burguesa, Thomas teve em seu irmão mais velho Heinrich, também escritor, uma fonte de inspiração e, posteriormente, rivalidade. A família e a cidade natal o inspiraram em seu primeiro grande sucesso: *Os Buddenbrook* (1901). No campo literário, o escritor teve vários romances de sucesso estrondoso, tais como *Morte em Veneza* (1912), *A Montanha Mágica* (1924) e *Doutor Fausto* (1947), dentre outros.

No início do século XX Thomas Mann já despontava como um dos grandes nomes da literatura germânica, por esse motivo seu posicionamento durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), a República de Weimar (1919 – 1933), a ascensão do III *Reich* e a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) ecoou de forma significativa dentre os alemães. Tanto em um primeiro momento quando defendeu a causa de seu país na Guerra de 1914, assim como quando tornou-se um *Vernunftrepublikaner*¹, ou ainda quando denunciou o nazismo, chegando ao exílio de onde enviou seus *Discursos contra Hitler* para uma Alemanha em guerra, exortando seus compatriotas a levantarem-se contra o mal do nacional-socialismo.

Os escritos políticos daquele que se dizia apolítico figuram como fontes excepcionais para os estudiosos que se debruçam diante da tão conturbada história alemã da primeira metade do século XX. Um Thomas Mann que se agarrava à ideia de que a Cultura alemã não estava dissociada de forma alguma do militarismo de seu país, sendo o último uma característica inerente dos feitos alemães, tornou-se uma das principais vozes a criticar a atuação belicosa dos nazistas. A trajetória do Mann político aparece como uma espécie de *Bildungsroman*, um romance de formação onde o escritor foi marcado por duas guerras mundiais e pela escalada totalitária em seu país.

Foi a Grande Guerra o fator capaz de despertar Mann para o mundo exterior. É justamente o que observou Reed ao apontar que entre os *Buddenbrooks* e a Primeira Guerra Mundial, as obras do romancista estavam voltadas para seu lado interior (REED, 2004, p. 3). Já em *Thomas Mann: The Uses of Tradition*, no capítulo intitulado *Unpolitics: War thoughts 1914-1918*, Reed novamente analisa as incursões de Mann no campo da política, ao posicionar-se em defesa da Alemanha frente aos ataques da propaganda feita pela Entente: “O que fez Mann em 1914? Ele tomou partido da Alemanha contra a propaganda da Entente, surpreendendo a ele mesmo e a outros pela violência de seu patriotismo” (REED, 1996, p. 180). Os ideais republicanos e democráticos eram vistos por Mann naquele contexto como incompatíveis com a cultura alemã, proveniente de uma educação voltada para uma espécie de disciplina militar (BRUFORD, 2009, p. 232). Todos esses apontamentos levantam questionamentos sobre a

¹ Republicano racional. Intelectuais definidos dessa forma, durante a República de Weimar, ao adotarem o republicanismo por motivos racionais frente a uma escalada radical que se desenhava nos meios políticos daquele contexto.

mudança na trajetória do Thomas Mann político. O assassinato de Walter Rathenau certamente figura dentre os motivos para tal virada no pensamento do escritor (REED, 2004, p. 9). Com a sensibilidade que lhe permitia ler a realidade para escrever seus romances, Thomas Mann provavelmente percebeu a seriedade dos eventos de seu tempo. É com a análise de tal guinada de Mann que esse trabalho pretende contribuir.

Tempos de guerra: o conflito mundial e a contenda entre os irmãos Mann

A abordagem feita no atual tópico e também nos próximos sobre os feitos de Thomas Mann durante a Primeira Guerra, a República de Weimar e a Segunda Guerra pretende apenas registrar algumas questões-chave em sua trajetória, que foi do escritor “apolítico”, como o próprio autor se definia, ao opositor do nazismo e um dos principais nomes dentre os emigrados alemães.

No período que antecedia à Primeira Guerra Mundial, Thomas Mann vivia de uma forma bastante ordenada e tranquila. O escritor dormia bem, fato que considerava importantíssimo para sua criatividade, não era um grande adepto do álcool, fumava charutos moderadamente e cigarros com maior frequência. Até o momento, Kátia já havia dado à luz a quatro crianças, mas isso não havia atrapalhado nem um pouco a produtividade de Mann. Principalmente durante as manhãs entregava-se ao trabalho em sua escrivaninha. Realizava leituras de suas últimas obras, participava de diversos círculos de palestras e, assim como outros tantos milhões de europeus, não fazia ideia da amplitude do conflito que se aproximava.

A guerra foi saudada em toda a Europa de um modo geral. As declarações de guerra eram acompanhadas de verdadeiros carnavais compostos por paradas militares. A onda nacionalista vivia o seu auge no continente e muitos intelectuais foram tragados por ela. O poeta Richard Dehmel, por exemplo, um dos primeiros a admirar a obra de Mann, se alistou e partiu para o *front*. Thomas Mann também foi atraído pela maré nacionalista, mas o seu combate pela Alemanha ocorreu nos meios literários, e seu principal inimigo naquele momento foi o próprio irmão, Heinrich, que adotou uma posição completamente avessa à sua, como já foi comentado. Anos mais tarde, depois do conflito, Mann escreveu recordando os dias de mobilização:

Mas tivemos ideia de como andavam as coisas no país e no mundo quando fomos até a cidade para nos despedirmos de meu irmão mais novo, que estava na reserva da artilharia e logo partiu rumo à frente. Vimos a excitada confusão de agosto nas estações ferroviárias, atravancadas com uma multidão humana enfurecida, agitada e arrebatada pela angústia e pelo entusiasmo. A fatalidade tomou seu curso. Participei plenamente nas dores da Alemanha intelectual, presa nas garras do destino; que tinha tanta fé em tantas coisas verdadeiras e em tantas coisas falsas, em tantas coisas certas e em tantas coisas erradas (MANN apud HAMILTON, 1985, p. 237).

Diante da consciência de suas limitações físicas, seu primeiro ato “beligerante” em favor da Alemanha foi a escrita de *Pensamentos na Guerra*, obra em que Thomas contrapunha

Alemanha e França, cultura e civilização, Frederico da Prússia e Voltaire. Tal trabalho nacionalista tornava Mann bastante popular e o autor chegou a receber cartas de soldados alemães do *front* afirmando que suas palavras os encorajavam. A cultura alemã era constantemente evocada em detrimento da civilização, representada na Entente. Em um trecho de seus *Pensamentos*, Mann ligou o soldado ao artista:

Não são relações totalmente alegóricas que unem a arte e a guerra? A mim ao menos sempre pareceu que não seria o pior dos artistas aquele que se reconhece na imagem do soldado. Aquele vitorioso princípio guerreiro de hoje: a organização – é afinal o princípio primeiro, a essência da arte. (MANN, 2010, p. 146).

No entanto, tal tratamento dado à Guerra e à causa alemã não tornaram Thomas Mann um exemplo a ser seguido dentre todos os intelectuais alemães, sobretudo seu irmão Heinrich, de quem se afastou quando esse apresentou uma visão mais sóbria da guerra. Mesmo assim, Thomas Mann referia-se com orgulho à sua defesa apaixonada da causa alemã, fazendo também uma referência à sua origem brasileira.

Meus Pensamentos na Guerra são de fato uma ação, executada a partir da raiva, do sincero desejo de ajudar minha afrontada pátria, cuja poderosa alma musical, por enquanto ainda é pouco cultivada e de certa forma inarticulada, em comparação com a das potências ocidentais. Meu coração é alemão, mas uma corrente mais forte de sangue latino-americano me torna capaz de ver que também posso fazer o que os advogados e oradores de Paris podem (MANN apud HAMILTON, 1985, p. 241).

Heinrich Mann defendeu seu posicionamento nos ensaios sobre Zola. Nesses escritos, Thomas enxergou críticas a si mesmo, acreditando que o ensaio era direcionado a ele, como no trecho em que Heinrich afirmou: “O escritor, que está destinado a abarcar a realidade mais do que outro qualquer, foi durante anos apenas um sonhador e um farrista” (HEINRICH MANN apud HAMILTON, 1985, p. 248). O rompimento entre os irmãos tornou-se inevitável e Thomas Mann passou a redigir sua resposta a Heinrich que viria na sua extensa obra *Considerações de um Apolítico* (1918), que ficaria pronta apenas no fim da Primeira Guerra. Talvez por sua contenda literária com o irmão, Thomas não tenha percebido os horrores do conflito. Heinrich, por outro lado, engajava-se cada vez mais em movimentos de oposição à guerra: “A guerra não é coisa que mereça entusiasmo, não civiliza, não purifica, não faz com que nada seja verdadeiro ou justo. E não torna as pessoas mais fraternas” (HEINRICH MANN apud HAMILTON, 1985, p. 259). Entusiasmo com o conflito não faltava a Thomas, que naquele momento mantinha seus *Pensamentos na Guerra*, como se o conflito fosse responsável por fazer emergir qualidades alemãs, as quais só floresciam em tempos belicosos:

Toda a beleza e virtude da Alemanha – nós o pudemos ver agora – na paz se poderia por vezes esquecer o quanto ela é bela. Há quem tema que a luta solene em que ela combate pelo seu grande direito à vida a pudesse fazer regredir em sua moralidade, em sua cultura? Ela sairá dela mais livre e melhor do que era. Mas não vemos também que a guerra torna maus e miseráveis os outros, os que portam as insígnias de povos civilizados? Onde está agora a dignidade da Inglaterra? Ela

mente tanto que nós nos envergonhamos por ela. E a França? Sua generosidade não afunda numa embriaguez de raiva e histeria vergonhosa? Enquanto para o senso do soldado a guerra aparece como uma esfera de moralidade e honradez, quase como uma operação científica – quanta indecorosidade, quanta devassidão a civil França não considera protegida pelo seu “c’est la guerre” que deita tudo por terra? (MANN, 2010, p. 153-154).

Thomas Mann acreditava, até o momento da grande ofensiva de Ludendorff no Oeste, que a Alemanha ainda seria capaz de vencer a guerra. Mesmo enquanto ainda tinha esperança na vitória, Mann tinha receio de que suas *Considerações de um Apolítico* fossem utilizadas como propaganda de guerra. Por isso, o desejo do autor era de que a obra fosse publicada apenas ao fim do conflito e, em seu prefácio, Mann admitiu a maior parte de seus erros. Segundo afirmava, o autor sentia falta de suas criações literárias. Essa obra também apresenta as marcas do ressentimento com o irmão Heinrich, chamado de “literato da civilização”:

Não, o literato da civilização erra quando disse que eu aspirava a brilhar. Eu queria servir, queria ajudar. Ou melhor, muito longe de acreditar que realmente poderia servir e ajudar, desejava deixar apressadamente claro meu anseio de fazê-lo; e desse modo nasceu essa precoce e rápida improvisação, intitulada *Pensamentos na guerra*, e na qual se antecipavam muitas coisas que posteriormente se disseram melhor, com maior valor e de modo mais duradouro, com incomum presença de espírito (MANN, 2011, p. 160).

A ofensiva da primavera levou as tropas alemãs a chegarem a noventa quilômetros de Paris, mas foi o último esforço. A Alemanha não possuía tropas de reserva e o fracasso do general levou ao desmoronamento do *Reich*. Em novembro de 1918 a Alemanha estava derrotada e uma revolução pouco tempo depois fez com que o Kaiser se tornasse um exilado. Começava um período de grande instabilidade no país, no qual extremistas de esquerda e direita disputavam partidários de maneira sanguinária. Os súditos do orgulhoso *Reich* alemão não aceitariam tranquilamente a derrota, ainda mais tendo chegado tão perto da vitória. Surgiu a ideia da *dolchtosslegende*.²

Do nacionalismo cultural ao republicano racional.

A Primeira Guerra Mundial havia terminado, ao contrário da contenda entre os dois irmãos. Mesmo em 1921, quando Heinrich completou meio século de vida e recebeu felicitações de toda a Alemanha, enquanto eram publicados artigos em revistas e jornais felicitando o autor, Thomas nada escreveu ao irmão. Heinrich se tornou o artista do momento, com os rumos que os fatos tomaram durante a guerra e mais ainda com a derrota da Alemanha. Ele sempre se opôs

² A Lenda da Punhalada pelas Costas, versão que consiste em afirmar que a Alemanha não foi derrotada, mas sim traída na Primeira Guerra mundial: “No entanto, poucos anos depois esse conchavo havia readquirido o seu carisma em várias esferas do público e havia onerado a República com a lenda de um Exército alemão imbatível apunhalado pelas costas, em seu território, pelos judeus e comunistas – a conhecida *Dolchstosslegende*”. (GAY, 1978, p. 33).

à beligerância do Império Alemão, prova disso foi uma de suas principais obras: *O Súdito*. Heinrich já havia feito algumas tentativas de reconciliação, mas foram inúteis. Em 1921, Thomas escrevia de uma forma um tanto amargurada, o que também parece ser um reflexo da derrota alemã e conseqüentemente do posicionamento adotado por ele.

Heinrich, porém, de um modo altamente literário, em seu ensaio sobre Zola – cuja leitura me deixou doente por semanas -, orgulhosamente anunciou sua total dissociação e separação de mim e não pode ter sentido muito respeito por mim, se esperava que eu, frívola e alegremente, aceitasse a encabulada tentativa de reaproximação que fez há pouco tempo, na época em que se realizaram todos os seus mais audaciosos desejos para a Alemanha. Ao fim e ao cabo, uma ruptura como a nossa deveria ser tratada com respeito, não se deveria tentar lhe retirar sua profunda seriedade. Talvez sejamos, separados, *mais* irmãos um do outro do que se estivéssemos sentados à mesma mesa, comemorando esta ocasião. (MANN apud HAMILTON, 1985, p. 290).

Os irmãos finalmente se reaproximaram em 1922, quando Heinrich adoeceu. Ele teve apendicite e peritonite. Thomas já havia perdido sua irmã, Carla, a qual havia cometido suicídio em 1910. A doença de Heinrich fez com que Thomas lhe escrevesse: “foram tempos difíceis os que ficaram para trás, mas agora, que ultrapassamos a montanha, as coisas vão melhorar – para nós dois juntos, se seu coração sentir o que eu sinto” (MANN apud HAMILTON, 1985, p. 293). A morte da mãe no ano seguinte deve ter reaproximado ainda mais os irmãos. Na mesma década, mais um capítulo da tragédia familiar seria escrito quando a outra irmã dos Mann, Julia Elisabeth, também cometeu suicídio, em 1927.

Nos anos seguintes, os irmãos estiveram no mesmo lado do *front*. Heinrich, que desde muito cedo foi um dos defensores da República de Weimar, percebeu que seria necessária uma revisão de diversos valores que tornavam os alemães inaptos à democracia, como sua beligerância, tão criticada por ele em *O súdito*. Heinrich também fez uma tentativa de introduzir um livro de história republicano nas escolas, mas não obteve êxito.

No livro *A Cultura de Weimar* são analisados diversos intelectuais, que mesmo não tendo uma tradição republicana e democrática, com o fim da Primeira Guerra e a instauração da República de Weimar, tornaram-se defensores de tal sistema. Eram os “republicanos racionais”, espécie de conciliadores. Mann tornou-se também um desses intelectuais: “Quando na década de 1920 Thomas Mann passou pela conversão à República e à democracia, ele também mudou sua mentalidade acerca da política. Ele reconheceu que ‘o político e o social fazem parte da esfera humana’” (GAY, 1978, p. 89).

Apesar do esforço de diversos intelectuais, a República de Weimar nasceu e viveu no colapso. Para Gay, “Parece que a República de Weimar era demasiado bem-sucedida para satisfazer seus críticos e não tão bem-sucedida a ponto de satisfazer seus simpatizantes” (GAY, 1978, p. 23). Governar um povo com o orgulho ferido pela derrota na Grande Guerra, mergulhado em destruição, crise econômica, desemprego e miséria, tornou-se ainda mais difícil com as cláusulas do Tratado de Versalhes: a indenização vertiginosa que os alemães deveriam pagar

aos vencedores, a perda de colônias, território, redução de suas jazidas de carvão e ferro e a desmobilização do exército. Esta última cláusula inundou o país de ex-combatentes ociosos, que acreditavam piamente que traidores haviam lhes retirado a vitória. Todos esses ingredientes tornavam uma porção cada vez maior do povo alemão propícia a discursos radicais, tanto da esquerda quanto da direita.

No interior da própria esquerda havia pesadas disputas entre social-democratas e comunistas. Um dos piores erros cometidos pelo governo de Weimar, além de ter mantido a estrutura de poder do antigo império, com a permanência dos juizes do *Reich*, uma vez que “a república sempre foi generosa com seus inimigos” (GAY, 1978, p. 172), ocorreu quando *Freikorps* foram utilizados para atacar opositores. A crise de 1929 abalou ainda mais o país, que ensaiava uma recuperação na segunda metade da década de 1920. Foi a partir de então que o partido de Hitler ampliou o seu tamanho de maneira colossal.

Obras de Thomas como *Pensamentos na Guerra e Considerações de um Apolítico* poderiam ter sido facilmente incorporadas ao discurso nazista, porém, não foi o que ocorreu. Consta que suas primeiras impressões do nazismo foram expostas ao responder uma pergunta feita em Viena no ano de 1923.

Mann sublinhou a “confusão de todos esses golpistas” – virulentamente antifranceses, mas ainda assim trabalhando para a destruição da Alemanha, que era o objetivo principal do imperialismo francês – mas descartou o aparente apoio que lhes davam Ludendorff e Hindenburg. Tanto na Hungria quanto na Alemanha, ele afirmou em Budapeste, o povo estava dividido: “De um lado, os nacionalistas, de outro os humanistas europeus, e nos dois países as visões opostas estão claras como nunca” – nos dois a suástica aparecia como símbolo dos “bárbaros”. (PRATER, 2000, p. 189).

Aproximadamente dez anos depois, Thomas Mann deixou a Alemanha com a ascensão desse movimento ao qual não deu muito crédito em seu início. A República de Weimar era sepultada, ela, que para muitos nasceu moribunda, chegou a despertar a esperança de dias menos autoritários dentre aqueles, que como Heinrich Mann, ansiavam por maior liberdade política desde os tempos do *II Reich*. Ao comentar a queda de Weimar, Heinrich observou: “a república tinha muito, muito demais, em comum com seu inimigo. O espírito de vingança contra Versalhes, o temor do comunismo... a dependência da indústria... mas, acima de tudo, a república tinha consciência de seu próprio tédio” (HEINRICH MANN apud HAMILTON, 1985, p. 381).

O Exílio e novamente uma Guerra Mundial

O primeiro contato de Thomas Mann com o regime fascista da Itália o levou a escrever um pequeno romance: *Mário e o Mágico*, publicado em 1930. Em uma comparação com os nazistas, considerava estes ainda piores do que os fascistas “por sua total ausência de intelectualidade” (MANN apud PRATER, 2000, p. 241). Tendo em vista que o nazismo ganhava

força, em 1930 Thomas fez seu discurso intitulado *Alerta Alemão: um apelo à razão*. Nesse episódio, agitadores nazistas infiltrados no local quase fizeram com que o evento terminasse em violência e Mann foi obrigado a sair rapidamente para um prédio vizinho, de onde escapou de carro.

A escalada nazista para o poder ocorria rapidamente naquele momento e, quando Hitler tornou-se senhor do poder na Alemanha, Heinrich já se encontrava na França. A perseguição a Thomas utilizou como justificativa o fato de que em um de seus ensaios “fora longe demais, falara com reverência insuficiente do ídolo musical da nação, Richard Wagner, e fora expulso” (HAMILTON, 1985, p. 332). O crescimento do nazismo ocorria de forma muito rápida naquele momento. Jeffrey Herf observou que um dos fatores responsáveis por tal expansão foi a forma como os nazistas aliaram o conservadorismo dos alemães com o que havia de mais moderno: “Hitler foi o primeiro líder político do século XX a usar amplamente o avião. O rádio espalhava sua voz e carros velozes aceleravam com ele sobre as Autobahnen” (HERF, 1993, p. 217)”. Em seus *Discursos contra Hitler*, quando já se encontrava no exílio e sua voz era transmitida para a Alemanha denunciando as praticadas nazistas, Mann observou que tal encantamento tecnicista dos alemães também foi algo nocivo e que contribuiu para a ascensão de Adolf Hitler:

Admito que isso que se chama de nacional-socialismo tem raízes profundas na vida alemã. É a forma virulenta de degeneração de ideias que sempre trouxeram em si o germe da corrupção assassina, ideias de modo algum alheias à boa e velha Alemanha da cultura e da formação. Aí elas viviam nobremente, chamavam-se “romantismo” e deixaram o mundo fascinado. Pode-se muito bem dizer que elas decaíram, que estavam destinadas a decair, visto que foram desembocar num Hitler. Somadas à incrível adaptação da Alemanha à idade da técnica, elas formam hoje uma mistura explosiva que ameaça toda a civilização. (MANN, 2009, p. 48-49).

Mesmo na Suíça, e orientado por seus filhos Klaus e Erika Mann a não retornar para a Alemanha, Thomas Mann mantinha uma posição ainda moderada quanto ao regime nazista, o que lhe valeu críticas de outros emigrados que cobravam dele um posicionamento mais duro contra o regime de Hitler. Na verdade, Mann nutria esperanças de resgatar seus bens que ficaram no país, além da expectativa de ao menos seus livros continuarem a circular em sua terra natal e não terem como destino as fogueiras da inquisição nazista. Dentre os bens que esperava resgatar, os mais importantes para o escritor eram suas anotações, diários e esboços necessários para prosseguir com sua obra. No momento, Thomas trabalhava em suas histórias de José. Com exceção de alguns “bens literários”, suas esperanças foram inúteis, ao passo que também o autor deixava transparecer cada vez mais sua real opinião sobre o nazismo, ao defender outros autores hostis ao regime alemão e, inclusive, seu próprio filho, Klaus. Em 1936, Thomas foi finalmente privado da sua cidadania alemã e a justificativa do regime nazista era de que:

Aderiu seguidas vezes aos pronunciamentos de organizações internacionais, na maioria dos casos manipuladas por judeus, cuja atitude hostil à Alemanha era bem conhecida. Repetiu em meses

recentes, e abertamente, seus pronunciamentos com *ataques traiçoeiros* ao Reich. Por ocasião de uma discussão sobre os méritos da literatura emigrada, num conhecido jornal de Zurique, declarou-se inequivocamente a favor dos inimigos do Estado e endereçou os mais sérios insultos contra o Reich, que foram amplamente denunciados na imprensa estrangeira. Seu irmão Heinrich, seu filho Klaus e sua filha Erika já foram privados da cidadania alemã devido às suas desprezíveis atividades no estrangeiro por um tempo considerável... (apud HAMILTON, 1985, p. 432).

Acompanhado da perda da cidadania alemã vieram as perdas de honrarias concedidas por universidades alemãs, como foi o caso da Universidade de Bonn, “em consequência da sua perda de cidadania, a Faculdade de Filosofia se vê obrigada a retirar seu nome da relação de doutores *honoris causa*” (apud HAMILTON, 1985, p. 433).

Antes de seu exílio, Thomas Mann nunca se sentiu confortável passando períodos prolongados longe de sua terra natal. O exílio marcou o escritor que pelo resto de sua vida carregou consigo mágoas dos alemães, chegando a prometer que nunca mais retornaria ao país. Thomas afirmava que ele era o representante da verdadeira Alemanha: “Onde estou, está a Alemanha. Carrego minha cultura alemã comigo. Tenho contato com o mundo e não me considero derrotado” (MANN apud PRATER, 2000, p. 349 – 350).

Thomas Mann recebeu a cidadania tchecoslovaca, mas poucos anos depois Hitler riscou o país do mapa, e Mann, que já ponderava o assunto, tornou-se cidadão americano: “A Europa não é mais um lugar para alguém como eu, e apesar de toda a minha resistência psicológica, a Suíça não me ofereceria mais sequer segurança física” (MANN apud PRATER, 2000, p. 353). Mann já havia feito diversas visitas ao país, que lhe honrava com exultantes recepções, e onde realizava diversas conferências e leituras públicas. O título retirado pela Universidade de Bonn foi-lhe oferecido por diversas universidades norte-americanas, que não cessavam de convidá-lo para lecionar e para a realização de palestras. Muito importante para o estabelecimento de Mann nos Estados Unidos e para a conquista de sua cidadania, foi a influência de sua amiga, Agnes Meyer, jornalista e esposa do proprietário do *Washington Post* e entusiasta de sua obra, com quem manteve uma intensa correspondência.

Em 1938 Thomas Mann mudou-se para os Estados Unidos, para onde tempos depois Heinrich e outros membros de sua família também migraram. Nutriu grandes esperanças no envolvimento do país na futura contenda europeia. Durante seus primeiros anos como emigrado, os Estados Unidos representavam para ele a grande esperança da civilização ocidental. Foi de lá que Thomas redigiu os seus *Discursos contra Hitler*, gravados e transmitidos para a Alemanha pela BBC de Londres. No entanto, quando a guerra se aproximava de seu fim, fez questão de suspender as gravações, pois não pretendia que sua voz fosse, naquele momento de derrota, mais um motivo de amargura para os alemães. Mas não deixou de denunciar os crimes nazistas, os quais eram revelados com o avanço das tropas aliadas sobre os territórios antes ocupados pelos nazistas. Sobre o campo de Maidanek, na Polônia, escreveu:

Lá existe um grande prédio de pedra com uma chaminé de fábrica, o maior crematório do mundo. Seu pessoal bem que gostaria de tê-lo destruído completamente assim que os russos chegaram, mas em sua maior parte ele está lá, um monumento, o monumento do Terceiro Reich. Mais de meio milhão de europeus, homens, mulheres e crianças, foram envenenados com cloro e depois queimados, 1.400 por dia. A fábrica da morte funcionava dia e noite; suas chaminés nunca deixavam de soltar fumaça. Seus delegados viram os campos de Auschwitz e Birkenau. Viram o que nenhum ser humano com sentimentos pode acreditar se não vir com os próprios olhos: ossos humanos, barris de cal, encanamentos de gás e crematórios; além disso, as pilhas de roupas e sapatos tirados das vítimas, muitos sapatos pequenos, sapatos de criança, se é que vocês, compatriotas alemães, e vocês, mulheres alemãs, querem continuar ouvindo (MANN, 2009, p. 192).

Mann também possuía grande admiração por Franklin Delano Roosevelt. A morte do presidente norte-americano em 1945, quase no fim da Segunda Guerra, foi um duro golpe para o escritor, não só pela saída de cena de, como ele o considerava, um grande estadista, necessário para a reconstrução da Europa após o fim do conflito, mas também pelos rumos que a política norte-americana tomaria no pós-guerra. Heinrich, Thomas e seus filhos Klaus e Erika, tornaram-se alvos do Comitê de Atividades Antiamericanas.

Em meio a todos esses acontecimentos, mais um integrante da família de Thomas Mann cometeu suicídio. Klaus retirou a própria vida em 1949. Ele não seria o último, pois, Michael, filho mais novo de Thomas, também cometeu suicídio vinte e dois anos após a morte do pai. Peter Gay afirmava que a loucura e o suicídio exerciam fascínio sobre as almas de Weimar (GAY, 1978, p. 76). Apesar de extrapolarem tal período, o suicídio de suas duas irmãs e seus dois filhos certamente entrelaçam-se nessa admiração trágica por um fim repentino. O posicionamento de Thomas Mann diante do suicídio era no mínimo de frieza. Dentre os familiares, apenas Michael compareceu ao sepultamento do irmão Klaus. Quando recebeu a notícia do suicídio de Stefan Zweig no Brasil, Thomas tratou o fato como uma espécie de deserção: “Ele nunca poderia ter dado essa vitória aos nazistas e se ele tivesse um ódio e um desprezo mais poderoso contra eles, jamais teria feito isso” (MANN apud PRATER, 2000, p. 425).

Thomas nunca retornou definitivamente para a Alemanha, porém, em suas viagens para a Europa, acabou cedendo e visitou seu país, que, naquele momento, havia se tornado dois. Ciente das acusações de envolvimento com a esquerda e acusado de ser um “inocente útil” aos soviéticos, Mann tomava sempre o cuidado de devotar a mesma atenção à parte Leste e à parte Oeste do país. Teve ainda uma contenda com os chamados emigrados internos³, quando eram trocadas acusações mútuas.

Pode ser uma superstição, mas a meus olhos quaisquer livros que tenham sido impressos na Alemanha de 1933 a 1945 são ainda piores

³ Tese criada pelo escritor Frank Thiess, segundo a qual diversos intelectuais alemães, durante o regime nazista, seriam “emigrados internos”. Alegando serem opositores do regime, mas sem terem deixado o país, eles afirmavam que nunca haviam abandonado a Alemanha, nem mesmo em seus tempos mais sombrios.

do que se não encerrassem valor algum. Sinto relutância em tocá-los. Um fedor de sangue e desgraça os envolve; todos deveriam ser reduzidos a pasta de papel (MANN apud HAMILTON, 1985, p. 486).

Thomas Mann era acusado pelos emigrados internos de haver abandonado seu povo e de, inclusive, deleitar-se com a situação da Alemanha. Afirmavam que, enquanto eles haviam tido a coragem de permanecer e lutar contra o nazismo, Mann havia se acovardado e emigrado. Frank Thiess alegava: “Acredito que tenha sido mais duro preservar nossa personalidade aqui do que irradiar mensagens do exterior ao povo alemão” (THIESS apud HAMILTON, 1985, p. 486). Na época, Thomas Mann escrevia seu último grande romance, *Doutor Fausto*. Nessa obra procurou expressar o que o levava a sofrer pela Alemanha.

O que causara o seu “sofrimento pela Alemanha” tinha sido o fato assustador de que os líderes da cultura do país tinham sucumbido ao nazismo, ou ao menos aceitado conviver com ele, e seu *Fausto* seria a expressão desse sofrimento. (PRATER, 2000, p. 445).

Apesar das duras palavras sobre a Alemanha, quando chegou a celebrar o bombardeio sobre Munique, um dos motivos da relutância de Thomas Mann em visitar seu país era o fato de não saber se suportaria ver seus escombros. De fato, quando finalmente visitou a Alemanha, sentiu o golpe juntamente a seu povo. Doou dinheiro para a reconstrução de monumentos históricos em Lübeck, sua terra natal, que lhe rendeu um reconhecimento tardio, no fim de sua vida.

A política norte-americana do pós-guerra tornou-se cada vez mais hostil para Thomas Mann e sua família. Seu irmão Heinrich nunca mais veria a Europa, sua vida chegou ao fim em 1950, enquanto considerava um convite para que retornasse à parte leste da Alemanha. O nome de Thomas Mann apareceu em uma lista divulgada pelo Comitê de Atividades Antiamericanas em 1951 e um sentimento parecido com aqueles que teve na década de 1930, com a perseguição dos nazistas, lhe ocorreu. Em 1952, o autor partiu para sua última casa, exilando-se mais uma vez na Suíça.

Após um mal-estar, sentindo dores na perna esquerda, Thomas Mann foi internado e os exames revelaram um problema mais grave do que se esperava. Os médicos diagnosticaram uma trombose. Após uma recaída, Mann encontrou seu fim durante o sono, no dia 12 de agosto de 1955. A realização da autópsia concluiu que a trombose era apenas o sintoma de uma arteriosclerose na perna, o que levou ao surgimento de uma fenda na artéria principal. Katia, que estava ao seu lado, registrou:

Eu estava ao lado da cama e não percebi a sua passagem. (...) Foi realmente um milagre que ele tenha partido assim, trabalhando até o último momento de sua doença. (...) A sua palestra sobre Schiller na Alemanha [foi] provavelmente a mais bem-sucedida que ele fez (...) (KATIA MANN apud PRATER, 2000, p. 620).

Considerações finais

Ao longo do texto buscou-se realizar um breve histórico sobre os debates em que Thomas Mann se envolveu ao redigir seus escritos políticos. Autor extremamente conhecido e considerado referência por seus romances, Mann emergiu como um defensor da causa alemã frente à propaganda da Entente. Em *Pensamentos na Guerra* chegou a exaltar o militarismo como parte da cultura alemã, contraposta à civilização, da qual a França era a grande representante. Mann denunciava o que acreditava ser uma hipocrisia da Entente, como se apenas os alemães fossem os responsáveis pelas mazelas do conflito. Naquele contexto escreveu suas *Considerações de um apolítico*, onde ampliou algumas reflexões apresentadas em seus *Pensamentos*. O livro acabou sendo lançado apenas ao fim da Guerra.

Com o advento da República de Weimar, o autor, que ainda se apresentava como conservador, passou a aproximar-se cada vez mais do “republicanismo racional”. A década de 1920, com a Alemanha sempre espreitada por crises econômicas e sociais, tornou o dito apolítico cada vez mais atento às questões políticas e seus riscos iminentes. Se durante a Primeira Guerra, quando afastou-se de seu irmão, Heinrich Mann, a quem chamava “literato da civilização”, agora o escritor não faria coro com as exortações nacionalistas que condenaram a República alemã.

Mesmo tendo transitado no campo mais conservador durante os embates da Primeira Guerra Mundial, Thomas Mann acabou por destacar-se em meio ao combate contra o terror nazista. A postura inicial, após a ascensão de Adolf Hitler, parecia ser a do silêncio para que seus livros continuassem a circular no seu país. Muito criticado por esse fato, Mann não demorou a se levantar contra o nacional-socialismo. O cerco nazista também se voltava contra seus familiares e amigos. Tomou o caminho do exílio, como tantos outros perseguidos na Alemanha. Seus livros arderam nas fogueiras da censura, mas sua voz não deixou de ecoar em sua terra natal com discursos contra Hitler, que eram gravados por Mann de seu exílio nos Estados Unidos e transmitidos pela BBC de Londres para a Alemanha. O irmão mais novo destacou-se mais naquele momento, ao contrário do que ocorreu antes, quando Heinrich Mann apareceu como o grande portador da razão. Porém, nos tempos conturbados em que viveram, essa outra guerra teve os dois irmãos no mesmo lado. Se antes foi um ferrenho defensor da Alemanha, com apelos apaixonados em defesa da causa alemã, em seu combate contra o nazismo declarava ter abandonado seu patriotismo: “pois eu não sou nacionalista, quer vocês perdoem isso ou não” (MANN, 2009, p. 220).

Sua vida transcorreu tal como um romance de formação, com um enredo em que Mann foi do conservador “apolítico” ao ferrenho opositor do nazismo. Porém, pode-se alegar que o ocorrido com o autor de grandes clássicos da literatura alemã não tenha sido simplesmente uma mudança de lado, pois seu conservadorismo com toques nacionalistas de tempos da Primeira Guerra Mundial não seria comparável a uma adesão ao nazismo, uma vez que “conservador” não pode ser tomado por sinônimo de “nazista”. De qualquer modo, suas ideias poderiam ter

sido deturpadas. A obra de Mann, seus escritos políticos, sua contribuição à cultura alemã, ganharam um maior destaque com sua insubmissão contra o nazismo. Mesmo com a derrota do Eixo, por tanto apregoada em seus discursos, decepcionou-se quando a queda de Hitler não se deu diretamente por um levante de seu próprio povo, o qual julgava escravizado pelo nacional-socialismo. Essa teria sido a verdadeira vitória para Thomas Mann.

Bibliografia

BRUFORD, W. H. **The German Tradition of Self-Cultivation: 'Bildung' from Humboldt to Thomas Mann.** Cambridge University Press, 2009.

GAY, Peter. **A Cultura de Weimar.** Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HAMILTON, Nigel. **Os irmãos Mann: as vidas de Heinrich e Thomas Mann.** Tradução de Raimundo Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich.** São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MANN, Thomas. **Consideraciones de um apolítico.** Tradução de León Mames. Salamanca: Capitán Swing Libros, 2011.

_____. **Ensaio.** Seleção de Anatol Rosenfeld. Tradução de Natan Robert Zins. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. **Orden del dia.** Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.

_____. **Ouvintes alemães!** Discursos contra Hitler. Tradução de Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Pensamentos na Guerra.** Tradução de Mário Frungillo. *Revista UFG*, n. 8, ano XII, julho de 2010.

MANN, Heinrich. **O súdito.** Tradução de Sibeles Paulino. São Paulo: Editora Madalena, 2014.

PRATER, Donald A. **Thomas Mann: uma biografia.** Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REED, T. J. **The Cambridge Companion to Thomas Mann.** Cambridge: Cambridge University, 2004.

_____. **Thomas Mann: the uses of Tradition.** Oxford University Press, 1996.

Artigo recebido em 05/08/2020 e
aprovado para publicação em 01/03/2021